

Ao lado, Garrincha comemorando um gol na final do campeonato carioca de 1962 contra o Flamengo, em que ele deu o bicampeonato ao Botafogo

"Garrincha exercia suas picardias de malandro na lateral do campo no lado direito, longe do centro; criado nos subúrbios, jogava nos subúrbios. Jogava para um time chamado Botafogo, e esse era ele: o Botafogo que incendiava os estádios, louco por cachaça e por tudo que ardesse, o que fugia das concentrações, pulando pela janela, porque dos terrenos baldios longínguos o chamava alguma

bola que pedia para ser jogada, alguma música que exigia ser dançada, alguma mulher que queria ser beijada. [...] Garrincha morreu sua morte: pobre, bêbado e sozinho" (*).

JOSÉ SEBASTIÃO WITTER

Garrincha, a estrela

JOSÉ SEBASTIÃO WITTER é diretor do Museu Paulista-USP.

Estrela Solitária- um Brasileiro Chamado Garrincha, de Ruy Castro, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

futebol mudou muito nos últimos tempos e os "jogadores especialistas" têm, gradativamente, deixado de existir. Desde as múltiplas experiências tentadas em todos os países do mundo, nos quais se pratica o futebol (pode-se dizer todos!), os atletas foram sendo condicionados fisicamente e o vigor de cada um acabou por substituir principalmente a habilidade, mas também reorganizou o posicionamento dos "craques" dentro do campo. Os homens da minha geração (então futebol era jogo pra homem) lembram-se muito bem que uma equipe era formada pelo goleiro, os zagueiros, a "linha média" e os avantes. Com pequenas variações isso se manteve até o chamado "carrossel holandês" da Copa de 74. A partir de então as

variações foram infinitas e todos nós nos acostumamos com a idéia de que um camisa 7 pode ser zagueiro ou "meio-campista". Mané Garrincha, no entanto, foi camisa 7, o grande especialista da ponta-direita. Nos tempos em que brilhava a Estrela Solitária do Botafogo no seu peito, às suas costas estava um reluzente 7 a indicar sua posição: ponta-direita. E, como ele, quantos foram os camisas 7 famosos desde Luizinho, do São Paulo; Claudio do Corinthians, Julio Botelho (o Julinho) e depois dele Jairzinho. A partir daí... Não há mais pontas-direitas, surgiram os alas, os laterais ofensivos, etc., etc. Outros tempos...

Talvez o livro de Ruy Castro *Estrela Solitária – um Brasileiro chamado Garrincha* tenha, acima de tudo, o papel de contar para

^{*} Eduardo Galeano, Futebol ao Sol e à Sombra, tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Benito, São Paulo, L & PM Editores, 1995.

Ao lado, Garrincha em 58, almofadinha, com o terno da delegação brasileira na Suécia; abaixo o craque com a taça que ajudou a conquistar



solitária

as novas gerações que houve uma história bem diferenciada do nosso mundo futebolístico e até, pode-se dizer, que houve no futebol brasileiro uma época a.G. e outra d.G., isto é, antes e depois de Garrincha, Manuel dos Santos – o Mané Garrincha –, figura emblemática de nosso futebol vencedor e da nossa marca registrada de jogar. Havia, ao mesmo tempo, seriedade e respeito pelos adversários, irreverência e um pouco de deboche. E quando a "coisa" estava muito preta para a equipe brasileira – nos campeonatos sul-americanos ou mundiais - sempre se podia esperar um lance de genialidade de um de nossos jogadores e, numa jogada individual, o problema se resolvia. Garrincha foi um desses gênios que deu vitórias ao Botafogo e à nossa seleção



por não seguir as recomendações dos treinadores ou por ousar com suas jogadas sempre genialmente iguais e que desconcertavam qualquer "João" que o marcasse.

Ruy Castro foi buscar nos documentos, nas entrevistas, nas fotos e nos filmes os elementos necessários para recompor a trajetória desse inigualável "jogador de bola" que foi Garrincha. É um livro que revela, que localiza o homem no seu tempo... É, por vezes, uma obra contundente, mas fundamental para que se possa repensar não só o futebol brasileiro, mas muito de nossa própria história. Convenço-me, depois de ter lido alguns livros biográficos (este Garrincha e o Nelson Rodrigues de Ruy Castro e o Assis Chateaubriand de Fernando Moraes), de que eles fazem falta, muita falta para a recuperação de nosso passado.

Garrincha, através de Ruy Castro, nos conduz às décadas de 60 e 70 deste século XX tão turbulento, em que tanto se construiu e muito se liquidou e também por isso é precioso. Deveria ser obra obrigatória nas escolas brasileiras.

Quem se detiver na leitura desta biografia de Manuel dos Santos certamente passará a compreender um pouco melhor a própria história do Brasil. Isso porque Ruy Castro, ao retomar o homem Manuel dos Santos desde os seus ancestrais, os fulniôs, retraça a trajetória do grande herói do Botafogo da década dos anos 50, de nosso século, desde os momentos mais remotos até sua vida na pequenina Pau-Grande, onde cresceria como todo menino do interior. Feliz e despreocupado, tinha nas caçadas de passarinho, na pescaria e no "jogo de bola" o seu divertimento. Melhor, tinha seu universo. Amava, de fato, a liberdade. Ser livre como os passarinhos parecia o seu destino... por sinal, trágico destino.

Vale a pena transcrever Ruy Castro:

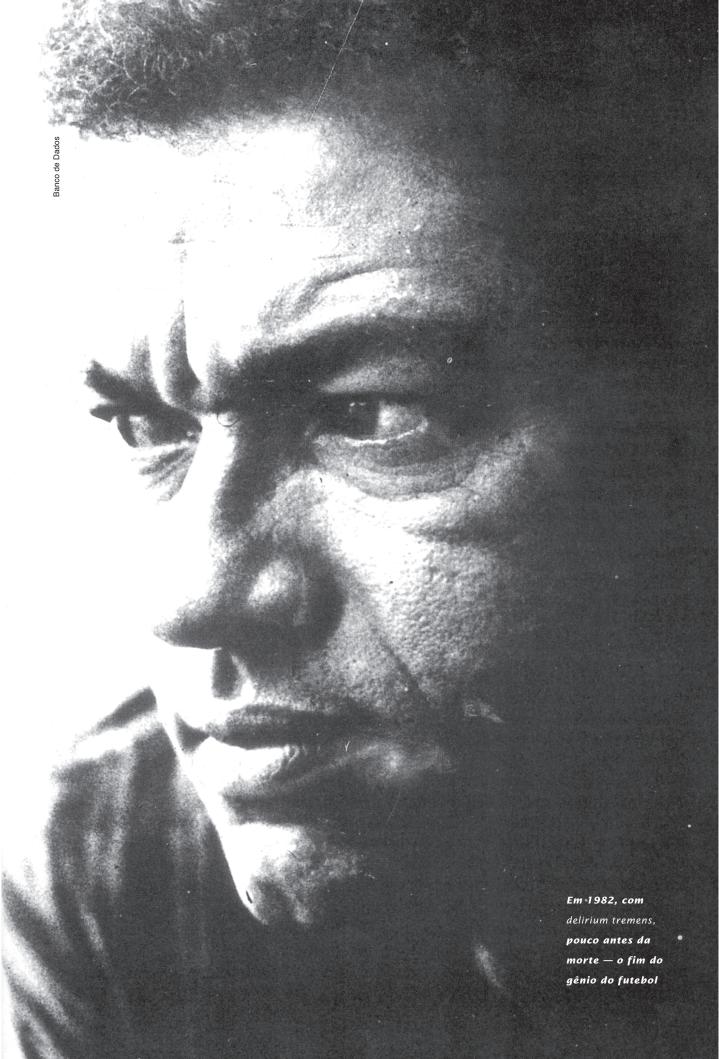
"[...] o pequeno Garrincha não teve patinete, velocípede ou pistola d'água como muitas crianças do seu tempo. Também nunca o obrigaram a usar roupinha de marinheiro. Em compensação, teve todas as peladas com que sonhou e mais algumas. Nos anos 40, quando o futebol

era como uma segunda natureza para toda a Nação, o kit de sobrevivência de qualquer menino brasileiro incluía a bola. Mas só os meninos ricos tinham acesso às maravilhosas bolas Superball, de couro marrom, número cinco, que eram usadas nos jogos de verdade. Os outros precisavam improvisar. A primeira bola que Garrincha chutou era de meia, feita com uma meia velha de seu tio Mané Caieira, recheada com pano e papel de embrulho e costurada na boca. Havia ainda as bolas de bexiga e Garrincha chegou a fabricar a sua, soprando uma bexiga de cabrito e dando nó na tripa. E também não era de couro a primeira bola que ganhou".

Nesses tempos os nossos heróis chegavam até a gente nas Balas futebol. O rádio, por sua vez, enriquecia nossa imaginação.

Ruy Castro revela o "Mané" Garrincha de todas as peladas, de Pau-Grande ao futebol profissional do Botafogo, onde se consagraria. Depois a seleção de 1958. Mais tarde a sua participação no Chile em 1962. O Mané Garrincha incrível, insuperável, desconcertante dentro e fora do campo. A vida de Manuel dos Santos vem aos borbotões na descrição vigorosa de seu biógrafo, que não vai, ao longo das 520 páginas do livro, reforçar o mito ou endeusar o ídolo. Vai, sim, nos mostrar o homem de carne e osso que viveu seus sonhos e encantou a todos que acompanham o futebol. Garrincha é o ser dual de Olavo Bilac, em seus versos imorredouros: ... "Não sou bom nem sou mau, sou triste e humano...", e dentro desse mesmo dualismo, quando de seus momentos de loucuras, vividos em momentos diferentes: "[...] há dentro de mim/ Um demônio que ruge e/ Um deus que chora...".

O livro todo é precioso, pois nos revela, em seus diferentes momentos, a trajetória de um homem, cujos únicos objetivos eram "jogar bola" e "fazer sexo". Fez sexo e fez muitos filhos. A sua mulher Nair lhe deu oito mulheres e parece que nada mais do que isso, se a descrição de sua vida com ela corresponde à realidade. A vida de Nair e Garrincha foi um conviver sem troca, a não ser nos momentos da procriação. Abando-



nada, virou mártir. Mas não deixou de exigir e receber tudo que pediu a Garrincha quando este a deixou para viver com Elza Soares. Foi correto com Nair, saindo de casa praticamente com nada. Não foi poupado pela imprensa, pelos fãs e pela sociedade conservadora, que via no seu ato um desrespeito à instituição familiar. Garrincha saiu de casa, mas não deixou de estar presente quando necessário. Não foi um bom pai, e isso não se deve ao seu insaciável desejo sexual, mas sim, e desde muito cedo, ao seu gosto pela bebida. Acompanhar a sua entrega ao álcool foi o que fez com maestria o seu biógrafo. Mas fez muito mais... Retomou o momento da aproximação com Elza Soares para colocar um pouco da história mal contada ou desfocada em seu verdadeiro lugar. A década de 60 é a era do apogeu e, paradoxalmente, a do princípio da decadência. É também o período em que Garrincha vive o único amor de sua vida. A chegada de Elza em sua vida é um momento mágico, e a Copa de 1962 é, sem dúvida, a copa do amor. Garrincha prometeu a copa para Elza Soares e a ela a ofereceu, depois de sua maior atuação como jogador. Não se pode esquecer que Mané jogou por dois no Chile. Pelé se contundiu logo no início da competição e Garrincha ocupou o espaço deixado pelo companheiro e continuou ponta-direita. Fez tudo que precisava fazer no seu posto e foi ainda infernizar a vida dos zagueiros como centro-avante, meia-esquerda, etc., etc. Estava como nunca motivado, e os detalhes que Ruy Castro nos entrega em seu livro, com a presença de Elza Soares no Chile, dizem tudo. Era o Garrincha estimulado pelo homem Manuel dos Santos, cujo coração transbordava de felicidade pela aproximação de sua nova musa. Tudo o que parecia mais uma aventura espetacular de Garrincha, no entanto, passou a ser um dos mais belos casos de amor do século XX. Indiscutivelmente, o verdadeiro amor de Garrincha foi por Elza Soares. Ela foi, além de sua grande parceira, um suporte nos seus momentos de embriaguez e depressão. Nunca lhe faltou como companheira e com ele ficou até os momentos em que o alcoolismo o transformou em um homem violento. Ninguém poderia acreditar que Garrincha poderia agredir alguém, muito menos uma mulher como Elza Soares, a quem tanto amava. Mas o fez e, então, o desencanto a fez abandonar Mané. Ruy Castro é simplesmente precioso na descrição da vida de Elza e Garrincha como companheiros. Das peripécias do Rio aos desmandos da Itália, sempre precioso e contundente.

As tristezas e mágoas guardadas por Garrincha com relação ao Botafogo, o apoio ou não de amigos e instituições, e a incontrolável busca do álcool nos anos finais de sua vida, levam o leitor a entender o muito daquilo que vive um alcoólatra, seja ele um homem público, um ídolo, ou um cidadão comum. É esse incontrolável delírio que exige a maior quantidade de bebida a cada recaída que vai mostrando esta biografia de Garrincha. A falta de reconhecimento e mesmo de carinho e atenção vai contribuindo para o desgaste final. Aos poucos o homem só, que fora Garrincha, começa a sofrer a amarga solidão. Nem os arroubos sexuais e uma nova gravidez de uma de suas "amadas" iriam conseguir dar sentido a seu mundo. Vai se consolidando a Estrela Solitária, e o parágrafo final da obra dá o tom desse abandono e a frieza das instituições. Vamos a Ruy Castro: "Um edema pulmonar colheu-o no meio de uma longa madrugada. Às seis horas da manhã, o enfermeiro Aimoré apareceu para conferir as pulsações. O coração não batia. Aimoré chamou a Dra. Fátima. Ela constatou o óbito. Sentou-se à sua mesa e fez um comunicado à direção...".

É o fim de Garrincha...

O livro tem a completá-lo fotos muito bem escolhidas, que retratam bem Mané Garrincha... Tem também uma forma nova de agradecer e a bibliografia é cuidadosa e se encerra com a obra completa de Garrincha, que reproduz as participações de Mané nos jogos dos clubes pelos quais atuou, e tem uma observação que vale transcrever: ... "A quantidade de gols marcados por Garrincha é ilusória. Deve-se considerar que, no mínimo, um terço dos gols marcados por seus times saiu de seus pés".

Beleza de obra!